

Editorial

Ao Encerrar-se o XIII Congresso em João Pessoa...

Luis Maia

Abrindo esta seção em nossa **Revista** estamos nos propondo a veicular fatos ou propostas que con sideramos importantes circular não só dentro das Sociedades que compõe nossa Federação, mas que também, sendo de acesso a todos quantos se interessam pelas instituições psicanalíticas, possa levar à compreensão dos princípios pluralistas que a regem, expresso por aqueles que assumem a liderança de sua atuação. Ao término do último Congresso do Círculo Brasileiro de Psicanálise, o novo Presidente – Luís Maia – dirigiu-se a todos os presentes com as

Palavras de encerramento do XIII Congresso do CBP

“Caros Colegas:

Disse, na abertura, que a Sociedade Psicanalítica da Paraíba, a caçula dentre as unidades do Círculo Brasileiro de Psicanálise, sentia-se particularmente honrada em organizar este Congresso. Não apenas porque, XIII, ele dava continuidade a uma tradição, mas também porque ele celebrava, neste fim de milênio, sob o tema Um século de sonhos, o centenário d’A interpretação dos sonhos, esse livro fundador.

Todo o Congresso foi uma elaboração desse sentido. Uma elaboração que transcendeu a Traumdeutung e explorou o vasto campo de conhecimento que essa fundação abriu e sustenta. Julgo que o objetivo a que nos propusemos – e formulamos na Assembléia de Delegados do CBP, realizada um ano atrás, no Recife, por ocasião do V Fórum – foi plenamente atingido. O valor dos trabalhos apresentados, a escuta atenta e indagadora de todos compensou largamente as eventuais falhas e limitações da organização. Por elas, nossas desculpas, pela presença de todos, pelo trabalho de tantos, nosso muito obrigado.

Na abertura, falei com Presidente da Sociedade Psicanalítica da Paraíba e, conseqüentemente, da Comissão Organizadora do Congresso. Tenho a honra de encerrá-lo como Presidente do Círculo Brasileiro de Psicanálise. Em nome de toda Diretoria eleita, agradeço a confiança das unidades co-irmãs por tão alto e honroso encargo.

Permitam-me que introduza aqui uma nota muito particular. Nestes tempos de fundamentalismo e xenofobia, no CBP, um presidente português sucedeu uma presidente croata¹. Em nenhum momento uma tal questão pareceu relevante para ser levantada; as questões relevantes são outras. Não há muitos países do mundo em que uma tal coisa possa acontecer. Registro-o aqui e vou dizê-lo a meus filhos e a meus netos, para que se orgulhem do país que é o deles.

A chapa candidata escolheu como tema se sua proposta eleitoral a reafirmação da pluralidade teórica enquanto traço distintivo do Círculo Brasileiro de Psicanálise. Sua eleição, por unanimidade, reafirma a unanimidade das federadas em relação a esse princípio.

Aparentemente, uma tal proposta é redundante, pois a pluralidade atravessa, como um fio vermelho, a história do CBP e, desde 1986, está inscrita em sua Carta de princípios. Para ser efetiva, entretanto, e não apenas uma figura da retórica eleitoral, ela precisa ser ativamente construída. Não basta inscrevê-la como princípio, é preciso exercitá-la cotidianamente. Mais do que isso, é preciso aprofundar-lhe o princípio, submetê-la a um constante exercício dialético, para que, então, ele revele sua pertinência e sua força.

*A pluralidade teórica não tem boa fama em muitas instituições psicanalíticas. Confundem-na com um enciclopedismo pedante e vazio ou com uma posição eclética, uma atitude *laisser-faire* intelectual, em que tudo se compõe numa geléia geral, sem rigor e sem princípios.*

A pluralidade teórica não se sustenta como simples decorrência do preceito ético de respeito ao outro e à sua diferença. Ela se impõe como necessária consequência da constatação de que nenhum sistema teórico, por mais perfeito e acabado que o consideremos, dá conta da pluralidade e da diversidade das manifestações do inconsciente. A pluralidade não é expressão de generosidade nem luxo de ricos, mas estrita necessidade de quem carece.

Estamos, por isso, condenados, em psicanálise, a uma Babel que impeça a construção comum? Eis o desafio: a empreitada é árdua e penosa, e grande a tentação de desertarmos para o nosso gueto dialetal. Confirma-o a tendência das instituições psicanalíticas, em nossos dias, à definição pela uniformidade teórica. Daí, a grande fragmentação institucional do campo psicanalítico: a cada instituição, sua doutrina, seu mestre, sua escolástica.

*Lembro as características desse grande movimento intelectual que dominou a Idade Média. Tendo resgatado, através dos árabes, a filosofia de Aristóteles, Tomás de Aquino vai construir a monumental Suma Teológica: uma explicação coerente do mundo e das relações com Deus, que dá todas as respostas. O que se impunha era, pois, dominar esse grande e complexo sistema. Foi a época do *magister dixit*, dos mestres que comentavam e interpretavam para seus discípulos a palavra do mestre supremo, esse inspirado Tomás que resgatara das trevas do paganismo a verdade luminosa e única. O tomismo foi, na Idade Média, o paradigma, no sentido kuhntiano do termo, não de uma ciência, mas de todo saber.*

O problema da escolástica é que, mais do que as respostas, enquanto sistema totalitário, ela definia todas as perguntas possíveis. Ilustra-o a questão de Galileu: não era apenas inútil pretender que havia evidências empíricas de que a Terra girava em torno do Sol; era prova de impiedade, passível de fogueira, atrever-se a colocar essa questão impertinente.

Esse é o problema de todas as escolásticas: não há lugar para novas perguntas, todas estão previamente definidas pelo sistema. A longevidade da doutrina tomista mostra quão confortável e sedutora é essa posição.

Mas como conciliar a necessidade do plural com a singularidade da experiência de cada um? Pois não se pode pedir a um psicanalista que ignore história, formação, afinidades, elaborações, descobertas, enfim, tudo o que faz um estilo pessoal, para se fazer eclético ou enciclopédico. Uma opção teórica, enquanto definição pessoal, tem que ser orgânica.

Como conciliar, por outro lado, a necessária pluralidade teórica com a tendência das teorias ao fechamento, quando se sabe que, do cotejo entre elas, resulta em que, se uma é verdadeira, a outra é falsa e, portanto, numa luta de morte em que só uma pode sobreviver? É preciso sair dessa "lógica fálica" e introduzir um terceiro nessa luta. E esse Terceiro é exatamente a realidade em sua multiplicidade de formas e de problemas. É preciso por à prova as teorias não somente do ponto de vista da coerência interna, mas igualmente da coerência externa, isto é, de sua capacidade de responderem às demandas da realidade.

E, então, frente a uma questão colocada pela clínica, frente a uma nova organização psicológica, as teorias, em sua definitiva e essencial incompletude, marcadas que são pela

transitoriedade, em vez de rivais, fazem-se complementares. E o outro, em sua diferença, deixa de ser o que me ameaça para se constituir no limite ao meu delírio.

Estas considerações permitem diferenciar a posição do analista entre uma instituição plural e aquela marcada pela singularidade teórica; entre aquela que o analista escolhe sua roupa de trabalho – muitos pretendem que, em vez de a comprar pronta, ele deva costurá-la – e aquela em que se exige uniforme.

Na primeira, ele aceita que sua teoria não dá todas as respostas, que precisa dos outros, com outras teorias, e que, desse cotejo entre teorias e realidade, podem resultar novas perguntas e novas teorias. Na segunda, sua definição teórica, a única verdadeira, lhe dá todas as respostas e lhe interdita novas perguntas. Na primeira, o reconhecimento da falta e do limite de cada um tem efeito institucional agregador: tende-se à fraternidade; na Segunda, a completude imaginária entre o mestre e seus discípulos aponta para a dispersão em tantas escolas quantos mestres.

Mas não basta, como disse, inscrever a pluralidade na Carta de princípios nem reafirmá-la por uma eleição. A pluralidade tem que ser um exercício constante de todos contra o conforto sedutor da unanimidade sectária. Valerá a pena ?

Valho-me do testemunho de Emílio Rodrigué, alguém que nos privilegiou com a conferência de abertura deste Congresso e cuja longa, rica e variada experiência lhe permitiu não apenas escrever, mas participar da história da psicanálise: a opção do Círculo Brasileiro pela pluralidade teórica é, no panorama da psicanálise contemporânea, uma prática de resistência. Prática de resistência a quê ? A Tânatos, que reduz todas as diferenças e nos convida à grande paz dos cemitérios.”

**Dr. Luis Maia,
Presidente do Círculo Brasileiro de Psicanálise.
João Pessoa, 10 de Setembro de 2.000**

Círculo Brasileiro de Psicanálise- Seção RJ
Av. Nossa Senhora de Copacabana, 769/504
Rio de Janeiro. RJ. CEP: 22050-002
Tel: 21 - 2236-0655
Fax: 21 - 2236-0279
E-Mail: cbprj@cbp-rj.org.br